Caderno temático 01

projeto comunitário

Direitos das Crianças e dos Adolescentes

Sumário

Apresentação 3

Introdução 4

Abrindo o tema 5

O que são os direitos das crianças e dos adolescentes e qual a importância de suas regulamentações?

Encontrando gente! 11

Quem são as pessoas com as quais você irá desenvolver suas ações?

- Primeira infância 13
- Segunda infância 15
- Terceira infância 18
- Adolescência 21
- Fase final da adolescência 23

Ciclo vivencial 26

O passo a passo de sua experiência vivencial

- Etapa de acolhimento 27
- Etapa de integração 28
- Etapa do contrato - os combinados 29
- Aplicação das atividades 30
- Etapa de fechamento 31

Orientações para ações vivenciais 32

Orientações e referências que auxiliarão o desenvolvimento da ação

- Como promover a motivação e a problematização para ensinar direitos das crianças e dos adolescentes? 32
- Como promover a análise sobre o tema e suas relações com o cotidiano? 34
- Como promover a elaboração e a síntese do conhecimento e realizar propostas para ações no mundo? 38

Referências para a prática 41

Referências para aprofundar seu conhecimento

Apresentação

Prezado acadêmico,

Neste caderno temático, você encontrará orientações gerais e específicas para realizar suas ações no **Projeto Comunitário**.

Inicialmente, este caderno traz um aprofundamento sobre a temática central escolhida por você para realizar suas ações, a partir da perspectiva histórica e da importância social desse tema.

A seguir, são apresentados os passos do trabalho que você irá desenvolver, de acordo com a proposta metodológica da disciplina **Projeto Comunitário**, seguidos de sugestões práticas para cada etapa metodológica.

Também constam sugestões para apoio à prática com o público-alvo da ação social escolhida, adequadas às peculiaridades e potencialidades de cada fase de desenvolvimento desse público.

Por fim, você encontrará inúmeras sugestões para a realização de suas atividades com os beneficiários e, ainda, conteúdos com diversas propostas de intervenção (jornais, vídeos, jogos, almanaques, cartilhas, histórias, livros, letras de canção, entre outros recursos).

Destacamos que a maioria dessas sugestões está disponível na internet, sendo acompanhadas dos respectivos endereços eletrônicos.

Esperamos que você faça bom proveito deste caderno temático e que suas ações sejam sementes férteis para muitas outras pessoas.

Bom trabalho!

Introdução

"Não existe revelação mais nítida da alma de uma sociedade do que a forma como esta trata as suas crianças."

Nelson Mandela

Estamos felizes em contar com sua preciosa participação na **disciplina Projeto Comunitário**. Saiba que apostamos muito num mundo melhor a partir de nossas próprias ações, assim como compreendemos que a cidadania é verdadeiramente exercida quando o mundo em que estamos inseridos é percebido a partir da óptica da solidariedade.

Por acreditarmos nisso, nossas ações educativas estão fortemente fundamentadas na **Pedagogia Marista** (VIEIRA, 2011), a qual propõe a formação humanista de nossos estudantes, por meio de projetos educativos como este do qual você passa a fazer parte.

Desejamos que você, acadêmico da PUCPR, desenvolva conhecimentos para além da racionalidade técnica e científica e que encontre em seu interior aquele "sopro na alma", que nos convida a construir uma profunda compreensão **não racional** do mundo (ANASTÁCIO, 2013) e a ir ao encontro do outro, de maneira compassiva e alegre.

Abrindo o tema

O que são os direitos das crianças e dos adolescentes e qual a importância de suas regulamentações?

A afirmação dos direitos das crianças e dos adolescentes faz parte de uma luta histórica pela justiça e pela democracia no Brasil e no mundo. Assim, desde a década de 1920, ocorre um grande esforço coletivo para que possamos reafirmar esses direitos, buscando sua efetiva realização.

Em uma linha do tempo, os marcos históricos dessa questão são os documentos legais:

1924 - Declaração de Genebra sobre os Direitos da Criança (ONU);
1948 - Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU);
1959 - Declaração Universal dos Direitos da Criança (ONU);
1988 - Constituição Federal do Brasil art. 277 (BRASIL);
1989 - Convenção Internacional dos Direitos da Criança (ONU);
1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) - Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (BRASIL).

O esforço coletivo dos Estados-Nação, no sentido de reconhecer e afirmar os direitos básicos das crianças e dos adolescentes, mescla-se ao desejo compartilhado de reconhecimento dos direitos humanos de modo geral. As datas históricas dos primeiros esforços, nesse sentido, não são mera coincidência tampouco foram eventos desvinculados de contexto, haja vista a Declaração Universal dos Direitos Humanos datar de 1948, apenas três anos depois do fim da Segunda Guerra Mundial.

Com certeza, as atrocidades de uma grande guerra exigem atenção essencial à preservação dos direitos da humanidade. Entretanto, na vida cotidiana, esse trabalho não é menos árduo. Infelizmente, frente a diversas situações de vulnerabilidade, dia após dia a afirmação e o reconhecimento dos direitos humanos, com destaque especial aqui aos direitos das crianças e dos adolescentes, são tarefas fundamentais de todos os cidadãos, tanto em âmbito internacional quanto nacional, assim como nas esferas coletiva e privada.

No que diz respeito à criança, já em 1924, sua condição de fragilidade foi reconhecida na Declaração de Genebra sobre os Direitos da Criança, que afirma a necessidade de proteção especial à infância[1]. Entretanto, é necessário perceber que, apenas nas últimas décadas, a criança passa a ser reconhecida desde a sua gestação como um **sujeito de direitos**, que devem ser assegurados de maneira permanente.

Diante dessa cronologia, é importante ressaltar que o ano de 1959 foi um marco na história recente da humanidade, por ocasião da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), que elaborou a Declaração Universal dos Direitos da Criança, com a anuência de representantes oficiais de diversos países. Esse documento, que reconheceu amplamente os direitos de crianças e adolescentes, fundamentou-se na Declaração Universal dos Direitos Humanos, criada em 10 de dezembro de 1948.

A seguir, apresentamos a você os direitos básicos das crianças e dos adolescentes afirmados na Declaração Universal dos Direitos das Crianças (UNICEF, 1959), documento que deu origem às demais legislações nacionais e internacionais:

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DA CRIANÇA
FRAGMENTO ADAPTADO (UNICEF, 1959, sic)

Princípio 1

Toda criança tem direito à igualdade, sem distinção de raça, religião ou nacionalidade.

A criança gozará todos os direitos enunciados nesta Declaração. Todas as crianças, absolutamente sem qualquer exceção, serão credoras destes direitos, sem distinção ou discriminação por motivo de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento ou qualquer outra condição, quer sua ou de sua família.

Princípio 2

Toda criança tem direito à proteção especial para o seu pleno desenvolvimento.

A criança gozará proteção social e ser-lhe-ão proporcionadas oportunidades e facilidades, por lei e por outros meios, a fim de lhe facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, de forma sadia e normal e em condições de liberdade e dignidade. Na instituição das leis visando este objetivo levar-se-ão em conta sobretudo, os melhores interesses da criança.

[1] Conforme a Convenção Internacional dos Direitos da Criança, enquadra-se no conceito de criança todo ser humano menor de 18 anos de idade (UNICEF, 1989).

Princípio 3

Toda criança tem direito a um nome e a uma nacionalidade.

Desde o nascimento, toda criança terá direito a um nome e a uma nacionalidade.

Princípio 4

Toda criança tem direito à alimentação, moradia e saúde.

A criança gozará os benefícios da previdência social. Terá direito a crescer e criar-se com saúde; para isto, tanto à criança como à mãe, serão proporcionados cuidados e proteções especiais, inclusive adequados cuidados pré e pós-natais. A criança terá direito a alimentação, recreação e assistência médica adequadas.

Princípio 5

Toda criança tem direito à educação e a cuidados especiais se assim necessitar.

À crianças incapacitadas física, mental ou socialmente serão proporcionados o tratamento, a educação e os cuidados especiais exigidos pela sua condição peculiar.

Princípio 6

Toda criança tem direito ao amor, à proteção e a uma família.

Para o desenvolvimento completo e harmonioso de sua personalidade, a criança precisa de amor e compreensão. Criar-se-á, sempre que possível, aos cuidados e sob a responsabilidade dos pais e, em qualquer hipótese, num ambiente de afeto e de segurança moral e material, salvo circunstâncias excepcionais, a criança da tenra idade não será apartada da mãe. À sociedade e às autoridades públicas caberá a obrigação de propiciar cuidados especiais às crianças sem família e àquelas que carecem de meios adequados de subsistência. É desejável a prestação de ajuda oficial e de outra natureza em prol da manutenção dos filhos de famílias numerosas.

Princípio 7

Toda criança tem direito à educação e lazer.

A criança terá direito a receber educação, que será gratuita e compulsória pelo menos no grau primário. Ser-lhe-á propiciada uma educação capaz de promover a sua cultura geral e capacitá-la a, em condições de iguais oportunidades, desenvolver as suas aptidões, sua capacidade de emitir juízo e seu senso de responsabilidade moral e social, e a tornar-se um membro útil da sociedade. Os melhores interesses da criança serão a diretriz a nortear os responsáveis pela sua educação e orientação; esta responsabilidade cabe, em primeiro lugar, aos pais. A criança terá ampla oportunidade para brincar e divertir-se, visando os propósitos mesmos da sua educação; a sociedade e as autoridades públicas empenhar-se-ão em promover o gozo deste direito.

Princípio 8

Toda criança tem direito à proteção prioritária.

A criança figurará, em quaisquer circunstâncias, entre os primeiros a receber proteção e socorro.

Princípio 9

Toda criança tem direito à proteção contra quaisquer formas de negligência.

A criança gozará de proteção contra quaisquer formas de negligência, crueldade e exploração. Não será jamais objeto de tráfico, sob qualquer forma. Não será permitido à criança empregar-se antes da idade mínima conveniente; de nenhuma forma será levada a ou ser-lhe-á permitido empenhar-se em qualquer ocupação ou emprego que lhe prejudique a saúde ou a educação ou que interfira em seu desenvolvimento físico, mental ou moral.

Princípio 10

Toda criança tem direito a crescer em um ambiente de paz e de justiça social.

A criança gozará de proteção contra atos que possam suscitar discriminação racial, religiosa ou de qualquer outra natureza. Criar-se-á num ambiente de compreensão, de tolerância, de amizade entre os povos, de paz e de fraternidade universal e em plena consciência que seu esforço e aptidão devem ser postos a serviço de seus semelhantes.

saiba mais

Declaração Universal dos Direitos das Crianças (ONU, 1959)
http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Crian%C3%A7a/declaracao-dos-direitos-da-crianca.html

É necessário esclarecer que a conquista dos direitos na infância e na adolescência dependeu da ampla mobilização das forças sociais democráticas, bem como da atuação de entidades, movimentos e profissionais da área.

Nesse contexto, o Brasil foi o primeiro país da América Latina a se adequar aos princípios da Convenção Internacional dos Direitos da Criança e a afirmação legal desses direitos ocorreu em nosso país já na década de 1980, concretizando-se na Constituição Federal de 1988. Esse marco legal foi impulsionado pelos movimentos sociais daquele momento em que, dentre os quais, a Pastoral do Menor teve grande influência. Assim, no art. 227 da Constituição Federal (BRASIL, 1988), resultante de uma emenda popular representativa de uma das maiores lutas de nossa democracia recente, afirma-se que:

> É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

A partir desse marco constitucional, nasce no Brasil a Lei nº 8.069 (13/07/1990), intitulada Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que passa a considerar as crianças e os adolescentes[2] como sujeitos de direitos e os reconhece como vulneráveis, cuja proteção é dever da família, da sociedade e do Estado. Além disso, essa lei responsabiliza o Estado pela criação das políticas públicas para garantia desses direitos, fato esse que dará origem aos Conselhos dos Direitos da Criança e do Adolescente em todas as esferas públicas (nacionais, estaduais e municipais), bem como aos Conselhos Tutelares.

Assim, o ECA, em sua estruturação básica, elenca tanto os **direitos fundamentais das crianças e dos adolescentes** como indica ações a serem desenvolvidas pelos atores envolvidos diretamente na prevenção e no atendimento de crianças e adolescentes. Essas ações são identificadas como **Política de Atendimento**, que tem por objetivo efetivar os direitos humanos de crianças e adolescentes brasileiros. Nela, fica expressa a necessária provisão de um conjunto articulado de ações governamentais e não governamentais da União, dos estados, do Distrito Federal e dos municípios (art. 86 do ECA), no contexto do novo pacto federativo inaugurado com a Constituição Federal de 1988.

[2] O Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069 (13/07/1990), considera crianças os cidadãos que têm até doze anos de idade e adolescentes aqueles que têm entre 12 e 18 anos. (BRASIL, 1990).

saiba mais

Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069 (13/07/1990).
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm

Dessa maneira, é dever do Estado e de todos os cidadãos criar instrumentos de ação e de reflexão sobre os direitos das crianças e dos adolescentes, de modo a reafirmá-los como práticas sociais permanentes, visto que os direitos só existem quando os reconhecemos e os exercemos coletivamente.

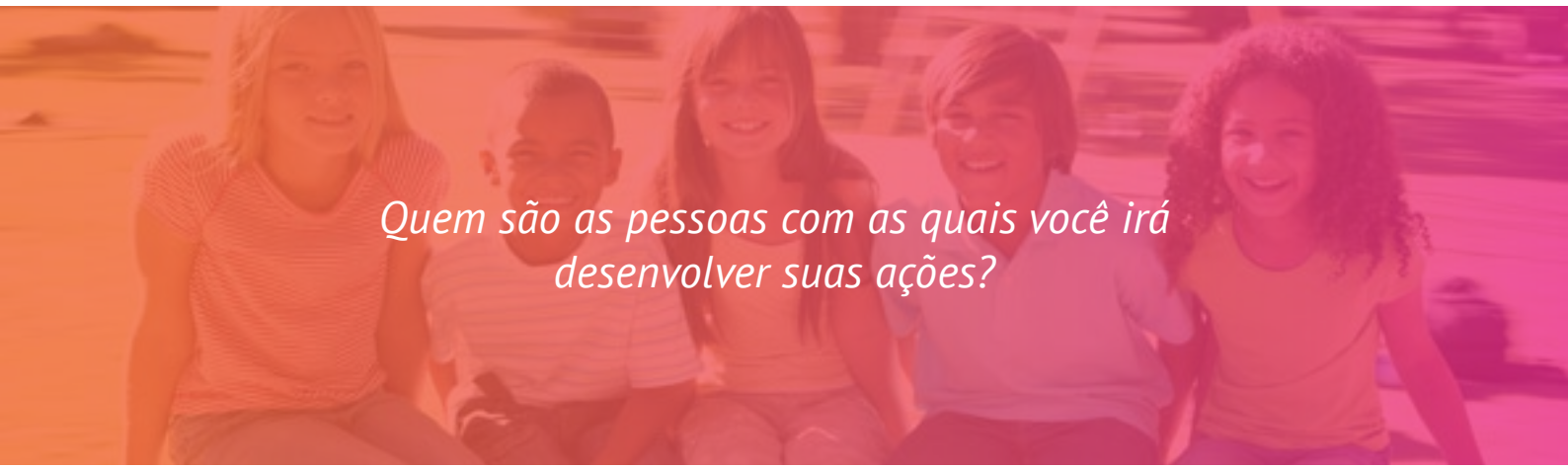
São direitos fundamentais descritos no ECA, com indicação dos respectivos artigos que deles tratam, e suas principais garantias:

- **Do Direito à Vida e à Saúde (arts. 7º a 14).**
- **Do Direito à Liberdade, ao Respeito e à Dignidade (arts. 15 a 18B).**
- **Do Direito à Convivência Familiar e Comunitária (arts. 19 a 52D).**
- **Do Direito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer (arts. 53 a 59).**
- **Do Direito à Profissionalização e à Proteção no Trabalho (arts. 60 a 69).**

DIREITOS DESTACADOS NO ECA

- Ter direito à vida e à saúde pública de qualidade.
- Ter boa alimentação, adequada para o desenvolvimento saudável.
- Receber assistência médica gratuita nos hospitais públicos sempre que necessário e de forma prioritária.
- Ser livre para ir e vir, conviver em sociedade e expressar ideias e sentimentos.
- Não sofrer nenhuma forma de agressão física, sexual, psicológica ou negligência por parte daqueles encarregados de sua proteção e educação ou de qualquer outro adulto.
- Contar com a proteção de uma família que exerça seu dever de proteção e afeto, seja ela natural ou adotiva, ou de um lar garantido pelo Estado, caso necessário.
- Ter direito a uma educação pública e de qualidade.
- Poder brincar com outras crianças.
- Ter acesso à cultura e aos meios de comunicação e informação.
- Não ser obrigado a trabalhar como adulto.

Encontrando gente!



Quem são as pessoas com as quais você irá desenvolver suas ações?

Você irá realizar seu **Projeto Comunitário** indo ao encontro de outras pessoas que vivem em **situação de vulnerabilidade**, ou seja, pessoas que estão fragilizadas em seus direitos mais básicos de cidadãos, dadas as circunstâncias atuais de suas vidas. A situação de vulnerabilidade é fruto tanto das desigualdades sociais, políticas, econômicas e culturais como da frágil estruturação de políticas públicas.

Entretanto, mesmo em situação de vulnerabilidade, é necessário afirmar que as crianças e os adolescentes, por serem sujeitos de direitos, devem exercer o protagonismo nesse processo e, assim, também atuar como nossos mestres no exercício diário da cidadania.

Nesse processo vivencial, os aprendizados são mútuos, em via dupla, posto que todas as pessoas têm muito a ensinar e a oferecer. E é no contato com o outro que reconstruímos nossa identidade e nossa visão de mundo.

O desenvolvimento humano tem períodos muito distintos (infância, adolescência, maturidade e velhice). Nessas distintas fases da vida, cada um de nós tem possibilidades específicas de ação, de interação e também de aprendizagem. Além disso, as transformações sucessivas pelas quais passamos são marcadas por condições biológicas e culturais.

Crianças e seu universo de descobertas

Se você for desenvolver sua atividade com crianças, é importante conhecer um pouco do mundo delas e as principais características de personalidade predominantes em cada fase de maturação do desenvolvimento infantil. Apresentaremos uma breve explicação de como esse desenvolvimento ocorre e como podemos atuar com crianças em cada faixa de idade. Muitos dos indicativos a respeito do desenvolvimento humano nessas fases de vida descritos a seguir estão embasados em Papalia et al. (2006), Shaffer (2005) e Bee e Boyd (2011).

Somos todos seres em pleno desenvolvimento

Nosso desenvolver, contudo, passa por várias e diferentes fases que merecem ser conhecidas de modo que possamos compreender melhor como se dá nosso crescimento, nosso aprendizado e nossa constituição psicossocial e afetiva. Essa percepção também favorece intervenções adequadas, quando necessárias. O desenvolvimento humano depende de inúmeros fatores e, dentre eles, o ambiente (objetos, símbolos e seus significados) e as relações de afeto ali estabelecidas são aqueles nos quais os espaços socioeducativos têm maior destaque.

Alguns fatores que influenciam o desenvolvimento humano

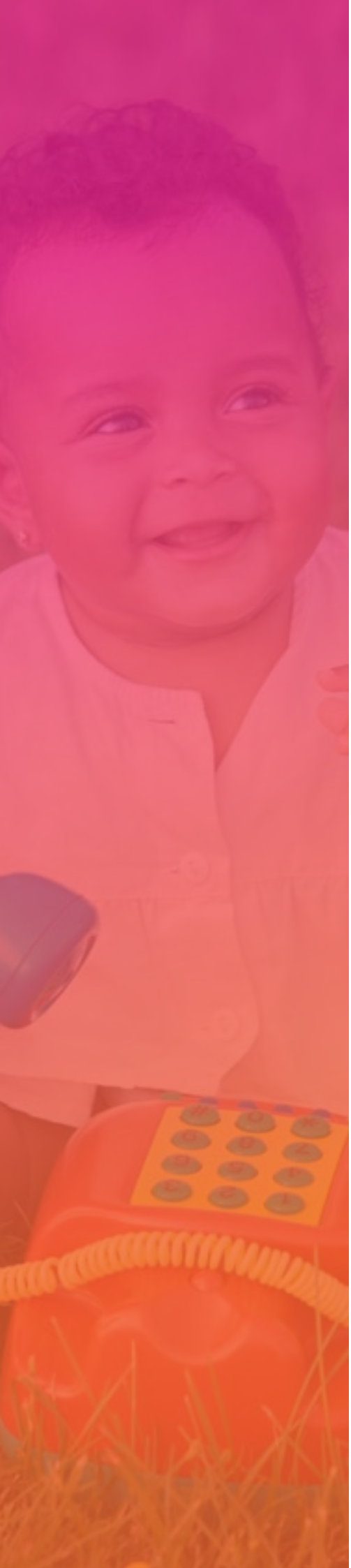
Hereditariedade
Cada um de nós, ao nascer, herda de seus pais um repertório genético responsável por boa parte de nosso potencial de desenvolvimento que poderá ou não progredir de acordo com os estímulos recebidos do meio.

Maturação neurofisiológica
O sistema nervoso é a base de nossa cognição, é o que torna possível determinados comportamentos e aprendizagens.

Meio ambiente
Os contextos em que cada um de nós vive ou viveu nos oferecem grande gama de influências e experiências que podem alterar tanto o funcionamento neuropsicológico quanto nosso repertório afetivo ou cognitivo.

Principais características de algumas fases do desenvolvimento humano

A seguir, estão descritas, de forma breve, as principais características de algumas fases do desenvolvimento humano: **primeira infância**, **segunda infância**, **terceira infância** (infância intermediária e puberdade) e **adolescência**. Cada uma é rica em suas qualidades e todas são importantes para nossa constituição como seres humanos.



Primeira infância

do nascimento até os 3 anos de idade

Os primeiros anos de vida são conhecidos como primeira infância e neles estão contidos vários dos mais importantes marcos do desenvolvimento humano, como o andar e o falar, por exemplo. Os ganhos no desenvolvimento são imensos, mas estão profundamente ligados ao ambiente e às relações de afeto construídas com os cuidadores (pais, familiares, educadores infantis ou babás).

A criança, mesmo pequena e frágil, é ativa no ambiente em que está sendo cuidada. Contudo, sua ação e participação dependerão da relação de afeto estabelecida com quem cuida dela. Quanto mais o cuidador interessar-se pela criança, mais ela procurará interagir e será essa troca positiva inicial que fará com que o infante perceba o mundo e se interesse por ele. Isso é fundamental para a construção de qualquer ser humano. A criança pequena, portanto, precisará sempre de um ambiente seguro, tanto física quanto emocionalmente, para que possa, aos poucos, ir se engajando na cultura da qual faz parte. Nesta fase, a família tem função primordial, pois se constitui em modelo ou protótipo para as relações cognitivas e psicossociais que futuramente serão estabelecidas com o mundo.

O desenvolvimento físico, nesta fase, altera-se de forma rápida e, especialmente no primeiro ano de vida, as transformações ocorrem mês a mês. A partir do segundo ano, o ritmo de desenvolvimento desacelera-se um pouco, mas ganha em qualidade, pois a criança passa a explorar o mundo que a rodeia e a expandir suas relações sociais e afetivas.

Funções cognitivas como atenção, memória e linguagem, para serem plenamente desenvolvidas, dependem das trocas estabelecidas entre a criança e quem cuida dela. A criança aprende a reconhecer e nomear sensações e sentimentos conforme os experimenta nas relações com os outros. Logo, o papel do adulto é fundamental nesse processo. Aliás, o cuidador representa o mundo para a criança.

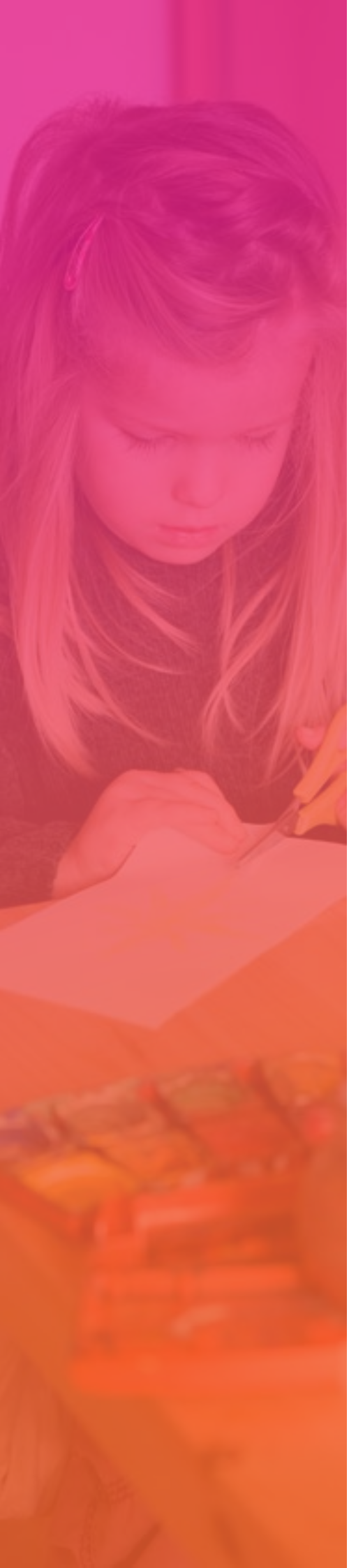
É importante lembrar que esta etapa do desenvolvimento é fundamentalmente marcada pelas relações de afeto, portanto, requer atividades que valorizem o toque corporal e a musicalidade, pois são aspectos importantes para que a criança pequena descubra que tem um corpo e que ela existe num mundo cheio de informações.

Outras características importantes desta etapa da vida:

- É marcada por muitos ganhos no desenvolvimento e pela aquisição de novas habilidades e competências.
- Inicia o entendimento da comunicação, então, conversar com a criança contando-lhe fatos é algo bem importante, pois ela aprende a fazer uma leitura do seu interlocutor e, com o tempo, passa a estabelecer relações com o mundo.
- Necessita de atividades como cantar, ler ou contar historietas, porque ajudam a criança a construir seu vocabulário.
- Tem nas brincadeiras a melhor forma de promoção física, psíquica, motora e, principalmente, social, porque estimulam relações afetivas positivas e auxiliam a criança a construir uma percepção positiva da realidade.

No fim desta fase, a criança passa por um período em que adquire maior capacidade de exploração do meio ambiente e, por isso mesmo, surge uma necessidade de autoafirmação. Dessa forma, são fundamentais atividades em que ela se sinta competente e possa explorar o ambiente com segurança.

Com a liberdade alcançada, surge também a necessidade de ensinar regras e limites às crianças. Para isso, é importante ter paciência, carinho e clareza para com elas, a fim de atingir eficácia em relação ao que se pretende com as atividades aplicadas. É importante prever rotinas claras, com sequências curtas de atividades, já que a duração da atenção da criança pequena ainda é curta, necessitando-se de intervenções de no máximo 15 a 20 minutos.



Segunda infância

em média, entre os 3 e os 6 anos de idade

Dos 3 aos 6 anos, as crianças passam da primeira para a segunda infância. O crescimento e as mudanças no desenvolvimento são mais lentos nesta fase. À medida que o controle consciente dos músculos aumenta, as crianças aprendem mais sobre suas necessidades pessoais, sendo capazes de adquirir maior senso de competência e independência. A interação social desempenha um papel importante no desenvolvimento de habilidades prévias à alfabetização, influenciando a memória e a cognição (capacidade de aprender).

O crescimento é constante, tornando o corpo mais delgado e as proporções semelhantes às de um adulto. O apetite diminui e podem surgir problemas de sono. Manifesta-se a preferência pelo uso das mãos. As habilidades motoras gerais e refinadas, bem como a força e o tônus corporal, melhoram. O pensamento é ainda um pouco egocêntrico, mas a compreensão quanto ao ponto de vista do outro amplia-se e, por isso, nessa fase, as crianças começam a desenvolver empatia. Entretanto, a imaturidade cognitiva produz algumas ideias ilógicas sobre o mundo. Já a memória e a linguagem melhoram e se ampliam.

O conceito sobre si mesmo e a compreensão das emoções tornam-se mais complexos e desenvolve-se a identidade de gênero. As brincadeiras ficam mais imaginativas, ricas e complexas, geralmente mais sociais. Altruísmo, agressividade e medo são comuns. A família ainda é o foco da vida social, contudo, as outras crianças tornam-se mais importantes. A autoestima na segunda infância tende a ser global e irrealista, refletindo a aprovação do adulto. Nessa fase, elas manifestam a vontade de brincar com crianças do mesmo sexo. Também podem exteriorizar interesse pelo corpo humano e seu funcionamento, pelo nascimento de bebês e pelas diferenças corporais entre homens e mulheres.

É importante lembrar que esta etapa do desenvolvimento:

- Requer atividades de movimento, como saltar, pular, andar de bicicleta ou triciclos (para os menores), muito prazerosas nessa idade.
- Permite fazer uso de massa de modelar, argila e outros materiais voltados para modelagem e representações da realidade.
- Valoriza jogos cooperativos e grupais, pois são importantes atividades para ampliar os sensos de empatia e altruísmo e as regras coletivas (especialmente para os maiores, entretanto, já podem ser desenvolvidos desde o início da segunda infância).
- Requer atividades que envolvem construções artesanais (costura, tear, maquetes, entre outros).
- Necessita que o educador exerça um papel importante na construção da autoestima da criança e do autoconceito infantil, especialmente porque ela costuma imitar modelos de comportamento aprendidos com os adultos à sua volta.
- Permite que as crianças usem a independência já conquistada e realizem atividades sozinhas.
- Pode diversificar atividades distintas entre meninos e meninas, pois os meninos costumam estar mais engajados com atividades físicas do que as meninas, que, normalmente, estão mais interessadas em atividades que propiciem interações sociais.

A criança necessita construir **relacionamentos** com outras pessoas para se reconhecer como membro de uma determinada comunidade e para construir sua própria **identidade cultural**. E é aí que as **brincadeiras**, **os jogos**, **a imaginação do faz de conta**, entre outras possibilidades lúdicas, são fundamentais tanto para seu desenvolvimento intelectual quanto afetivo.

Ao imaginar, a criança vai além do conhecido, passando a estabelecer novas relações entre informações que não estavam conectadas entre si. A imaginação é um exercício prazeroso do intelecto e, na criança, provoca **envolvimento**, **curiosidade** e **vontade de conhecer**.

Ao mesmo tempo, cada criança é única, dotada de personalidade própria e também apresenta habilidades e dificuldades distintas. E é a partir de sua relação com o mundo ao redor de si que vai construindo seu saber, estabelecendo novos significados para o que experimenta.

Diante dessa perspectiva, é importante que você, ao eleger as atividades que realizará com as crianças, consiga sempre observar em que momento do desenvolvimento cognitivo elas estão e quais ações são eficazes para estimular sua curiosidade, a fim de favorecer a construção de novos significados a partir do que elas já sabem, usando livremente a imaginação. Para isso, é significativo

que se sintam integradas e felizes junto às outras crianças e aos adultos com quem interagem.

É importante também destacar que, ao longo de seu crescimento, gradativamente, a criança começa a desenvolver maior capacidade de atenção. Depois dos 6 anos de idade, elas se tornam mais aptas a atividades intelectuais prolongadas e a ajustar seus comportamentos sociais de acordo com as regras do meio social em que estão inseridas.

Assim, se você for realizar ações com crianças menores de 6 anos, preste atenção ao programar a duração de suas atividades, pois crianças pequenas não conseguem manter atenção por tempo prolongado e se distraem com muita facilidade. Nesses casos, sugerimos que as atividades propostas não ultrapassem 15 a 20 minutos cada.

Terceira infância

dos 6 aos 11 anos de idade

Os anos intermediários da infância, aproximadamente dos 6 aos 11 anos, costumam ser chamados de período escolar, embora, atualmente, as crianças sejam inseridas nesse meio cada vez mais cedo. A escola é a experiência mais importante nessa etapa. As crianças tornam-se mais altas, pesadas e fortes e adquirem habilidades motoras necessárias para participar de jogos e esportes mais organizados. Também ocorrem importantes alterações no pensamento, no julgamento moral, na memória e na capacidade de ler e escrever. As características individuais tornam-se mais evidentes e suas competências também influenciam a autoestima e a popularidade. Embora a família continue sendo importante, agora, o grupo de amigos torna-se mais importante do que na fase anterior. O declínio do egocentrismo permite amizades mais profundas e íntimas. Nesta etapa, é relevante que as crianças aprendam a resolver problemas de modo tranquilo e equilibrado, pois isso as ajuda a ser mais resilientes no enfrentamento do estresse.

A força e as habilidades físicas aperfeiçoam-se. O egocentrismo diminui e as crianças começam a pensar de forma mais lógica, mas ainda de maneira concreta. A coordenação visomotora está mais desenvolvida e os olhos estão bem amadurecidos para a percepção de longe e perto. A noção temporal desenvolve-se e pode ser estimulada por meio de atividades repetitivas, como pular corda, andar de bicicleta ou aprender a tocar um instrumento.

As crianças, nesta fase, apresentam interesse pelo universo e suas transformações, têm comportamento lógico-concreto ou operatório e representam simbolicamente situações e objetos reais. Demonstram maior organização e coordenação de suas ações e já conseguem se concentrar por curtos períodos de tempo (20 a 30 minutos). Normalmente, já têm estabelecidas as relações lógicas fundamentais: parte/todo, todo/alguns, classe/subclasse, entre outras. A percepção visual e a auditiva estão mais

aperfeiçoadas e, em conjunto, sua estimulação resulta em maior capacidade de memorização e de estar e manter-se atento, o que amplia seu potencial de aprendizagem. Nesta etapa, as crianças também adquirem maior percepção de distâncias e de localização (organização e estruturação espacial). Portanto, já são capazes de aprender e memorizar percursos (o caminho de sua casa até a escola, por exemplo). Sua linguagem é mais complexa e rica em vocabulário.

O pré-adolescente já é capaz de pensar de modo científico e tem bom raciocínio matemático. Consegue lidar bem com o conceito de tempo, concebe o tempo passado e já compreende e se preocupa com o tempo futuro. Normalmente, já tem as estruturas do pensamento da forma adulta.

Neste período do desenvolvimento, a criança demonstra vontade de agradar, cooperar e ampliar seu conhecimento em determinados temas de interesse; procura mais os amigos da mesma idade do que os adultos; pode manifestar interesse por coleções, histórias de aventuras, humorismo e jogos coletivos; já é capaz de participar de diferentes contextos sociais com desenvoltura; e pode sensibilizar-se com atitudes e problemas adultos. Especialmente no início da terceira infância, meninos e meninas costumam brincar separadamente.

Na pré-adolescência, surge o interesse por ideais coletivos, pela participação em clubes e organizações que evidenciem papéis e propósitos sociais e grupais. Sentimentos como lealdade, senso de justiça e responsabilidade passam a ter importância. Como o pertencer a um grupo é mais relevante, a relação com a família pode parecer menos importante para o pré-adolescente. Sentimentos ambivalentes também aparecem e a preocupação com a origem e o destino (de coisas e pessoas) pode gerar insegurança e indecisão.

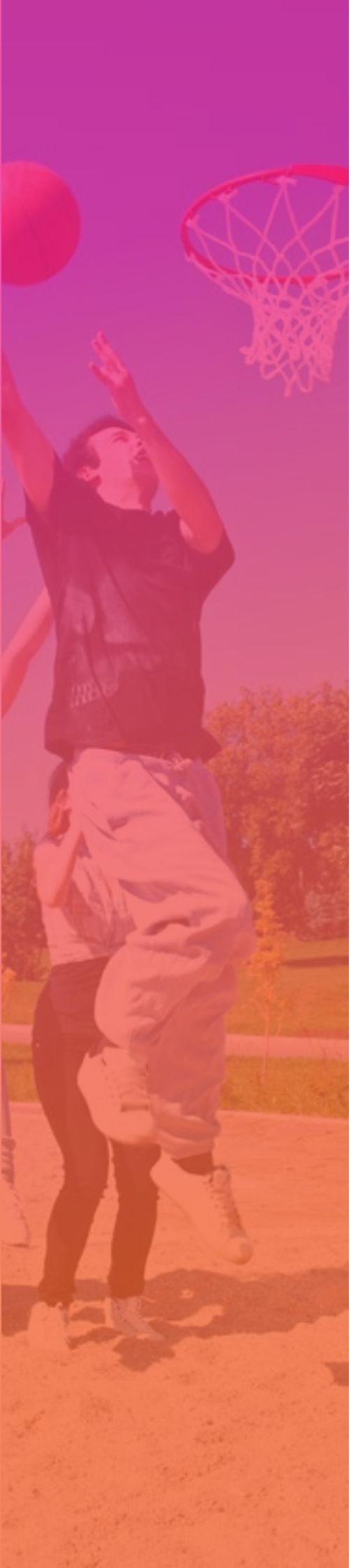
É importante lembrar que esta etapa do desenvolvimento:

- Requer que o educador ajude a criança a construir autoconfiança e autoconhecimento.
- Permite atividades de expressão corporal, inclusive para que a criança e o pré-adolescente aprendam a lidar com o próprio corpo e suas transformações futuras.
- Valoriza atividades grupais, especialmente pela construção do sentimento de pertencimento, pois participar de diferentes grupos, com regras sociais e tipos de autoridade distintos, auxilia a criança a construir suas habilidades sociais.
- Requer que as crianças, mediadas por adultos, vivenciem a organização das atividades grupais, bem como participem da construção de suas regras.
- Pede atividades de expressão que, de modo geral, auxiliem a criança a conhecer a si mesma e a lidar com suas emoções (escrita, pintura, dramatização etc.).
- Requer jogos cooperativos como solução para a necessidade de competição que aparece nessa fase do desenvolvimento.
- Permite atividades nas quais a criança seja o protagonista, para que construa valores de responsabilidade social.

Finalmente, nessa faixa etária, as atividades esportivas são fundamentais. Elas auxiliam tanto na percepção do potencial do próprio corpo como estimulam o respeito a regras, além de ajudarem no equilíbrio neurofisiológico do organismo adolescente.

dicas e sugestões

- Estimular sua imaginação e despertar seu interesse sobre o tema que está sendo apresentado.
- Estimular a expressão de seus conhecimentos prévios, ou seja, daquilo que já sabem sobre o assunto.
- Apresentar atividades variadas, mantendo um ritmo interessante das ações, quebrando a monotonia.
- Adequar a linguagem ao linguajar da criança, ouvindo-a com calma e paciência, a fim de captar seu vocabulário e, a partir dele, organizar a fala, para que haja compreensão. Ao mesmo tempo, é preciso estimular o enriquecimento de seu vocabulário, ensinando-lhe palavras novas.



Adolescência

dos 12 aos 18 anos

Dos 12 aos 18 anos de idade[1], nós, seres humanos, entramos em um processo intenso de transformações fisiológicas e psicológicas, a chamada fase da adolescência[2]. Esse estágio de vida não é menos desafiador do que os anteriores. Entretanto, é um momento fundamental para a construção de nossa identidade enquanto sujeitos, um momento em que desejamos nos entender como indivíduos diante da sociedade, quando refletimos criticamente sobre a própria sociedade e também passamos a construir nossos projetos de vida. Na adolescência, a aparência dos jovens costuma mudar, como resultado dos eventos hormonais da puberdade e eles começam a adquirir características corporais de adultos. Tanto influências hormonais como sociais podem contribuir para a exacerbação das emoções e para a instabilidade do humor na adolescência. A maturação precoce ou tardia pode afetar a adaptação emocional e social. O conflito entre os adolescentes e seus pais pode, às vezes, estar ligado a aspectos imaturos do pensamento adolescente.

O envolvimento dos pais e os estilos parentais influenciam o desempenho acadêmico do adolescente, bem como as características físicas desempenham papel importante na formação do autoconceito.

O crescimento físico e outras mudanças são rápidos e profundos. Percebe-se a maturidade reprodutiva. Os principais riscos à saúde são fruto de questões comportamentais, como distúrbios alimentares e abuso de drogas. Desenvolve-se a capacidade de pensar de maneira abstrata e de utilizar o raciocínio científico. O

---

[1] De acordo com o **Estatuto da Criança e do Adolescente**.

[2] Para a **Organização Mundial da Saúde**, a fase da adolescência ocorre entre os dez e vinte anos incompletos. Já a puberdade refere-se às mudanças biológicas que se manifestam na adolescência, dando início à sua capacidade reprodutiva. Para saber mais sobre as manifestações fisiológicas dessa fase de vida, recomenda-se a leitura de Lourenço e Queiroz (2010).

pensamento imaturo persiste em algumas atitudes e certos comportamentos. A educação concentra-se na preparação para a vida futura, para a profissão, para a faculdade, com destaque para as vocações.

A busca da identidade sexual torna-se algo muito importante. Os grupos de amigos não só ajudam a desenvolver e a testar o autoconceito, mas também podem exercer influência antissocial.

Os sentimentos mudam sobre quase tudo e todas as áreas do desenvolvimento parecem convergir à medida que os adolescentes confrontam sua principal tarefa: formar e firmar sua identidade.

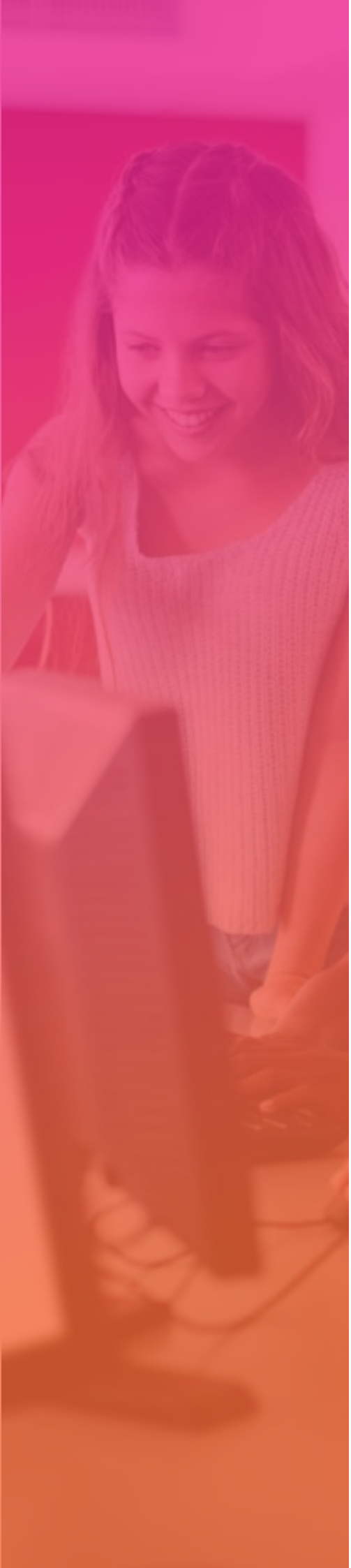
O período da adolescência compreende duas fases, de acordo com o UNICEF (2011)[3]: fase inicial da adolescência (dos 10 aos 14 anos de idade) e fase final da adolescência (dos 15 aos 19 anos de idade).

De acordo com o UNICEF (2011, p. 6), **na fase inicial da adolescência**, "[...] ocorre uma aceleração repentina do crescimento seguida pelo desenvolvimento dos órgãos sexuais e das características sexuais secundárias". Esse conjunto de transformações pode gerar ansiedade e mudanças comportamentais. Assim, nesse ciclo, "[...] meninas e meninos tornam-se mais conscientes de seu gênero do que quando eram crianças pequenas e podem ajustar seu comportamento ou sua aparência para enquadrar-se em normas observadas. [...]" (UNICEF, 2011, p. 6). Por isso,

> [...] Podem ser vítimas ou participar de *bullying* (assédio moral), e podem sentir-se confusos em relação à sua própria identidade pessoal e sexual.
> Na fase inicial da adolescência, a criança deve dispor de um espaço seguro e sem impedimentos, para conciliar-se com essa transformação cognitiva, emocional, sexual e psicológica – livre do envolvimento em papéis adultos e com o total apoio de adultos protetores em casa, na escola e na comunidade. [...] (UNICEF, 2011, p. 6).

Dessa forma, os apontamentos do UNICEF, nos auxiliam a compreender este importante estágio da adolescência.

[3] Texto adaptado para fins didáticos.



Fase final da adolescência

dos 15 aos 19 anos de idade

Sobre esta etapa, o UNICEF (2011, p. 6) evidencia que:

> A fase final da adolescência, de maneira geral, vai dos 15 aos 19 anos de idade. A essa altura, as principais mudanças físicas normalmente já ocorreram, embora o corpo ainda se encontre em desenvolvimento. O cérebro continua a desenvolver-se e a reorganizar-se, e a capacidade de pensamento analítico e reflexivo é bastante ampliada. No início dessa fase, as opiniões dos membros de seu grupo ainda são importantes, mas essa influência diminui à medida que o adolescente adquire maior clareza e confiança em sua própria identidade e em suas opiniões.
> A atitude de enfrentar riscos – uma característica comum desde a fase inicial à fase intermediária da adolescência, quando os indivíduos experimentam "comportamentos adultos" – diminui na fase final da adolescência, à medida que se desenvolve a capacidade de avaliar riscos e de tomar decisões conscientes.
> [...]
> Apesar desses riscos, a fase final da adolescência é um tempo de oportunidades, idealismo e esperança. É durante essa fase que os adolescentes ingressam no mundo do trabalho ou avançam em sua educação, estabelecem sua própria identidade e sua visão de mundo e começam a participar ativamente na organização do mundo ao seu redor. (UNICEF, 2011, p. 6).

Essa importante reflexão pode nos auxiliar a compreender mais o adolescente com quem iremos desenvolver nossos trabalhos.

Essa fase de vida, normalmente, é um período de profundos conflitos internos, por conta de inúmeros fatores, tais como: rompimento com a infância, questionamentos existenciais e afloramento de emoções desconhecidas (inclusive pela descoberta do amor romântico e, consequentemente, por suas possíveis desilusões). Enfim, a busca de afirmação da identidade e a necessidade de individualização estão muito presentes nessa etapa.

É comum nos adolescentes a manifestação de comportamentos instáveis, muitas vezes agressivos, rebeldes, explosivos, de atitudes que, por vezes, independem de sua vontade. Afinal, mesmo tendo atingido determinada "completude" em seu desenvolvimento cognitivo, muitas modificações orgânicas estão ocorrendo, afetando sobremaneira suas emoções e seus comportamentos.

O grande desafio ao mediarmos adolescentes não está tanto na gradação de estímulos mentais, como observamos anteriormente com as crianças, mas, sim, em desenvolvermos com eles uma relação de empatia e de respeito, uma profunda compreensão de suas angústias existenciais e o entendimento das causas de seus comportamentos sociais instáveis e desafiadores.

Também é um excelente momento para ajudá-los a desenvolver cada vez mais seu pensamento analítico. Afinal, na fase da adolescência, atingimos a plena capacidade de realizar operações formais, segundo Jean Piaget.

Os adolescentes vivem profundas reflexões sobre a vida cotidiana e realizam constantes comparações sobre o **mundo real** e o **mundo ideal**. Essa tendência filosófica presente nas conjecturas do pensamento adolescente é de extrema originalidade e beleza. Assim, ao nos depararmos com toda a exuberância da mente dos adolescentes, podemos estimulá-los a desenvolver, cada vez mais, o pensamento formal. Estimule-os a pensar, a conjecturar, a buscar causas sobre determinadas questões, a propor soluções para elas, a construir utopias, desde que fundamentadas em relações éticas e morais. O estímulo intelectual pode enriquecer sobremaneira nossos relacionamentos com os adolescentes. Todos os seres humanos apresentam diferentes dimensões da personalidade, ou seja, dimensões físicas, intelectuais, afetivas, sociais e espirituais. Assim sendo, seguem algumas dicas interessantes para a construção de relacionamentos positivos com os adolescentes:

dicas e sugestões

- Evitar entrar em disputa com o adolescente. Muitas vezes, ele pode desafiá-lo, realizando com você um "teste de conduta". Suas provocações são, de certa forma, uma encenação. Compreenda que isso é apenas um jogo comportamental. Ao invés de responder à provocação no mesmo tom, proponha uma parceria, na qual o respeito, os direitos e os deveres são comuns a todos. Lembre-se de que os adolescentes estão testando limites, tanto os deles próprios quanto os dos outros (incluindo os seus!). Aproveite essa oportunidade para estreitar os relacionamentos, demonstrando respeito e dando o exemplo.

- Dar voz e vez ao adolescente é fundamental! É importante saber ouvir com atenção e carinho sem, com isso, infantilizar a relação. Dar liberdade de expressão aos adolescentes, bem como demonstrar interesse por seu mundo (suas músicas, suas gírias, seus esportes etc.), é fundamental para que possamos verdadeiramente acolhê-los. Ao se sentirem seguros, valorizados e confiantes, seus sentimentos de respeito e de admiração naturalmente irão aflorar.

- Estabelecer regras de respeito mútuo e de confiança são ações que devem caminhar juntas no trabalho com adolescentes. É importante que eles percebam que merecem a confiança e a consideração dos adultos com quem se relacionam. Isso contribui muito para sua autoestima e para a construção de bons relacionamentos e de lideranças verdadeiras.

Para organizar as ações com os adolescentes, precisamos:

- Estimular seu desejo de aprender, construindo relações empáticas, indo ao encontro de seus desejos e suas angústias.

- Estimular sua inteligência, suas conjecturas, suas opiniões, ajudando-os, ao mesmo tempo, a construir análises realistas diante dos fatos, assim como suas utopias e seus ideais de vida.

- Estimular os adolescentes a fazer relações entre os fatos e as ideias, valorizando seus conhecimentos prévios e suas próprias experiências de vida.

- Realizar atividades que os desafiem, oferecendo um ritmo estimulante para as ações propostas e quebrando a monotonia.

- Adequar nossa linguagem ao linguajar dos adolescentes, sem que, para isso, precisemos usar palavrões ou muitas gírias. É importante, no início do diálogo, evitar palavras distantes de seu vocabulário, mas aos poucos podemos, sim, enriquecê-lo, ensinando-lhes palavras novas e novos significados.

Ciclo vivencial

Pretendemos que você desenvolva competências sociais por meio de **experiências vivenciais**, ligadas aos princípios da solidariedade e da cultura de paz. Para isso, é fundamental que você construa relações empáticas e ações reflexivas nas comunidades em que vai atuar.

De acordo com essas premissas, sua imersão junto às pessoas beneficiadas por sua ação deve obedecer às seguintes fases:

Etapa de acolhimento

Antes de iniciar o trabalho, é importante realizar um momento de acolhimento das pessoas que irão participar das ações. Esse é um momento do grande abraço do grupo. É relevante que cada pessoa envolvida na ação considere-se partícipe desse grupo que agora se forma, sentindo-se abrigada, aceita e bem recebida.

Este é o momento de dar as boas-vindas às pessoas. É necessário, para esse momento, expressar com grande entusiasmo o quão valiosa é a presença de cada um dos participantes!

dicas e sugestões

- Procure realizar, junto aos responsáveis pela instituição, quando possível, um levantamento prévio do nome e um breve histórico de cada um dos participantes de sua atividade.
- Acolha cada pessoa individualmente, pergunte seu nome, de onde veio e promova inserção no grupo. Para isso, você poderá se valer de algumas atividades.
- Se possível, prepare crachás e alguma lembrança simples com o nome de cada um deles.
- Organize previamente o espaço em que ocorrerá o encontro do grupo.

Etapa de integração

A intenção desta etapa é proporcionar um momento de adesão de cada pessoa no grupo, estabelecendo a comunicação entre elas, estimulando o sentimento de pertencimento. Nesse momento de integração, abra um diálogo com o grupo, de maneira a esclarecer dúvidas dos participantes em relação ao trabalho, suas expectativas, suas curiosidades e outros aspectos.

Aproveite o momento para conhecer melhor as pessoas com quem vai interagir em sua vivência. O primeiro encontro irá ajudá-lo a estabelecer vínculos importantes com as pessoas para a realização de seu trabalho.

Peça para as pessoas se apresentarem. Este é o momento do grupo se conhecer.

dicas e sugestões

- Promova uma dinâmica para gerar integração entre as pessoas e permitir a construção de vínculos que possibilitem um diálogo descontraído entre todos, para que fiquem à vontade no grupo.

- Preste atenção se alguém por ventura se sentir excluído. Pessoas mais tímidas podem ter dificuldades iniciais de contato com o grupo. Integre os tímidos junto àquelas pessoas mais expansivas, evitando que alguém possa se sentir rejeitado pelos demais membros.

- Proporcione momentos em que cada um poderá explanar seus anseios e expectativas em relação ao trabalho.

- Para a sensibilização do grupo, traga uma música, um vídeo de curta duração, uma dança ou uma brincadeira que possa otimizar essa integração da equipe, cuja mensagem central esteja ligada à valorização de cada pessoa para o benefício do grupo e vice-versa.

- Realize um registro coletivo desse momento em um painel montado por todos, no qual cada um irá colocar seu desejo em relação ao grupo, por meio de recortes de revistas com imagens ou palavras-chave, ou mesmo, desejos feitos pelos participantes. Monte esse coletivo de mensagens de cada pessoa numa imagem integradora, a exemplo de uma árvore, um grande coração, um balão de gás, uma flor ou outra imagem que possa agregar todas as mensagens da equipe, as quais serão apresentadas na forma de um só painel do grupo.

Etapa do contrato - os combinados

Assim que todos os membros do grupo estiverem à vontade, é hora de realizar combinados com o grupo. Para o melhor aproveitamento das atividades que serão realizadas, é necessário estabelecer acordos entre todos os participantes.

Esses combinados serão uma espécie de acordo do grupo, para que todos possam construir juntos um ambiente propício para alcançar os objetivos das atividades que você estará propondo ao grupo.

Para construir esses acordos, é necessário prestar atenção, inicialmente, nas normas, no regimento interno e nas regras de conduta da instituição parceira em que você realizará a ação, pois os combinados da equipe não podem contrariar as regras da instituição.

O importante é que todos os membros do grupo venham a agir com respeito e consideração pela maneira como a equipe organiza o trabalho, a fim de manter um relacionamento prazeroso entre todos durante a execução das atividades.

dicas e sugestões

- Determinar a rotina de trabalho, horários e procedimentos.
- Elencar normas de convivência entre os membros da equipe.
- Explicitar regras de uso de celulares, restrições quanto às vestimentas, uso de palavrões, alimentação etc.
- Solicitar que cada participante avise antecipadamente quando houver necessidade de faltar.
- Registrar os combinados por escrito e deixá-los expostos para relembrar e manter a harmonia do grupo.

Aplicação das atividades

Nesta etapa, você irá apresentar sua proposta de trabalho para o grupo, tal como foi previamente definida junto à instituição parceira, responsável por orientar seu trabalho no dia a dia.

Essa é a hora de você colocar em prática seus talentos, realizando ações que mobilizem a criatividade e seu empenho e do grupo que estará com você.

dicas e sugestões

- Descreva como será realizada a atividade que você está propondo.
- Demonstre os passos necessários para que o grupo possa desenvolver o que lhe for solicitado.
- Confirme se todos compreenderam a explicação.
- Inicie a atividade e pare sempre que necessário (para retomar parte do processo ou lidar com conflitos).
- Participe e divirta-se com o grupo.

Etapa de fechamento

O encerramento das atividades é o momento de refletirmos sobre nossa prática junto ao grupo. Esta é a fase de processar a vivência e extrair dela, sempre, o melhor, assim como de trocar ideias e registros das impressões, reflexões, sentimentos e conclusões sobre a experiência realizada.

dicas e sugestões

- Proponha uma dinâmica de grupo para o fechamento das atividades. O objetivo, aqui, é permitir que cada membro expresse seus sentimentos e aprendizagens. Esse momento pode ser registrado coletivamente na forma de um painel, um jogral, uma música, uma encenação teatral, uma roda de bate-papo etc.

- Alguns questionamentos para obter esses relatos são: **do que você mais gostou? Do que você menos gostou? Por quê? O que você aprendeu de mais importante para sua vida? Qual mensagem você deixa para o grupo?**

Orientações para ações vivenciais

Orientações e referências que auxiliarão o desenvolvimento da ação

Conforme apresentamos anteriormente, para mediar as crianças e os adolescentes, é preciso ir ao seu encontro e colocá-los em ação mental sobre o tema/conteúdo/problema que estamos lhes apresentando.

Como promover a motivação e a problematização para ensinar direitos das crianças e dos adolescentes?

Em um primeiro momento, é importante instigar a curiosidade e o desejo de aprender sobre o tema.

Para isso, sugerimos ações problematizadoras que levantem questões relacionadas ao tema e que instiguem uma discussão inicial pelo grupo.

Para crianças, propomos uma brincadeira inicial ou a leitura de uma *charge* ou história em quadrinhos. A leitura de uma fábula ou história infantil também pode ser interessante para alimentar a vontade de conhecer o tema. Trazer charadas para adivinhação é outra forma interessante de motivar a turma.

Para adolescentes, pode ser muito interessante a apresentação de uma música ou de um trecho de filme, a leitura de uma reportagem sobre o assunto ou a contação de um "causo" relacionado ao tema.

dicas e sugestões

- Primeiro, apresente o tema e questione: por que é importante dialogarmos sobre os direitos das crianças e dos adolescentes? Deixe que falem livremente enquanto você e outros participantes anotam as ideias e as palavras-chave (ou desenhos, quando se tratar de crianças que ainda não sabem escrever) recolhidas da fala de todos.

- A seguir, apresente o recurso que irá introduzir o assunto (o livro, o conto, a brincadeira, o filme, a música, a reportagem etc.).

- Depois disso, peça que cada um expresse o que entendeu e sentiu diante do conteúdo apresentado. Esse debate poderá ser feito em duplas ou trios entre os adolescentes. Já entre as crianças, recomenda-se uma discussão com o grupo todo, para que não dispersem a atenção facilmente.

Para realizar dinâmicas de grupo nas etapas de **acolhimento, integração e fechamento**, seguem diversos conteúdos disponíveis na internet com dicas de atividades de grupo contendo sugestões para crianças, adolescentes e adultos:

Dinâmicas de grupo

Amigos de Jó
Este jogo, criado por Patrícia Maria Pedote e Kátia M. Alves Barata para o I Festival de Jogos Cooperativos – 1999, propõe uma dinâmica em forma de dança e promove um momento de união do grupo. Pode ser usado com crianças e adolescentes.

Dinâmicas de grupo
Prefeitura Municipal de Santos. Disponível em: <http://www.portal.santos.sp.gov.br/seduc/e107_files/downloads/apostilas/educacaofisica/dinamicas.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2017.

Almanaque de dinâmicas
De Eliseu de Oliveira, contém 500 atividades e faz parte de um projeto de resgate e incentivo de brincadeiras e atividades recreativo-educativas baseado na sua importância para a vida social e para o desenvolvimento afetivo-físico-psicológico das crianças e do entretenimento saudável e enriquecedor dos adultos. Disponível em: <http://itinerantenretoledo.pbworks.com/f/almanaque_de_dinamicas.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2017.

Links interessantes para motivação e problematização:

- Excelente desenho animado que trata da realidade de quatro crianças que lutam para garantir os direitos humanos. Realização da Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República (2008). Título: **Direitos Humanos para Crianças**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j33hoi_Cn7Y>. Acesso em: 21 nov. 2017.

- O Instituto Elo desenvolveu um projeto intitulado **Cidadania para Crianças**, com a publicação de livros infantis que trabalham temáticas ligadas à cidadania. São histórias que trazem questões do cotidiano das crianças leitoras. Disponível em: <http://www.institutoelo.org.br/site/projetos/index/6#>. Acesso em: 21 nov. 2017.

- A **Biblioteca Digital** desenvolvida em software livre, do Portal Brasil, site do governo federal, dispõe de um grande acervo de livros infantis de domínio público, que podem ser usados nas mediações iniciais com as crianças. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/ResultadoPesquisaObraForm.do?first=50&skip=0&ds_titulo=&co_autor=&no_autor=&co_categoria=33&pagina=1&select_action=Submit&co_midia=2&co_obra=&co_idioma=1&colu>. Acesso em: 21 nov. 2017.

- Para a problematização do tema com os adolescentes, recomenda-se a leitura de reportagens sobre o assunto. Aqui, sugerimos uma reportagem sobre uma menina paquistanesa, Malala Yousafzai, que ganhou o Nobel da Paz por lutar pelos direitos das crianças e dos adolescentes. Ela foi baleada na cabeça aos 15 anos por defender a educação feminina. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/10/saiba-quem-e-malala-yousafzai-paquistanesa-que-desafiou-os-talibas.html>. Acesso em: 21 nov. 2017.

- Uma série de excelentes reportagens sobre práticas que violam os direitos das crianças e dos adolescentes pode ser encontrada no site do Meia Infância, um projeto do Repórter Brasil em parceria com a Fundação Telefônica. Disponível em: <http://reporterbrasil.org.br/trabalhoinfantil/reportagens/>. Acesso em: 21 nov. 2017.

Como promover a análise sobre o tema e suas relações com o cotidiano?

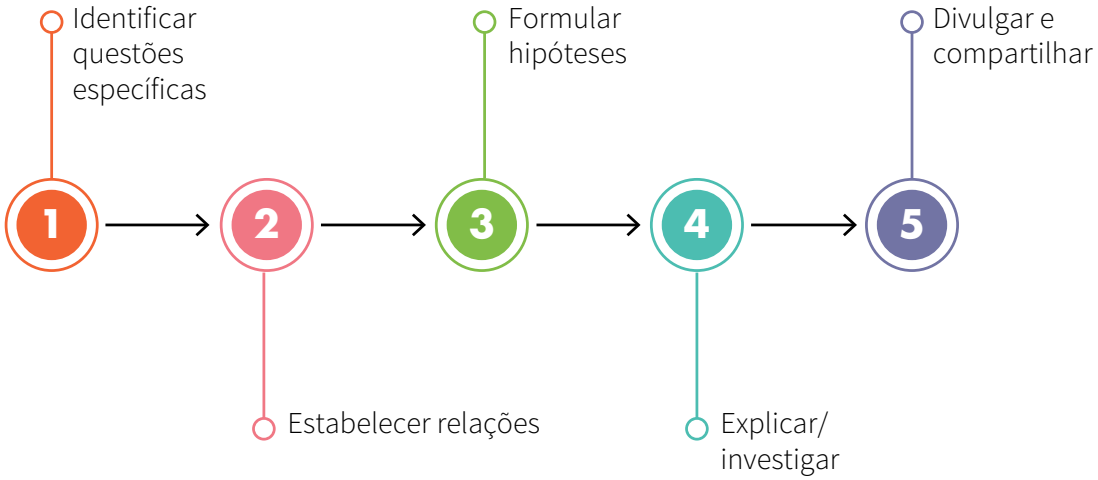
Este é um momento central das ações, em que os participantes irão aprofundar seus conhecimentos sobre o assunto. Para isso, você poderá organizar diversas atividades para serem realizadas em vários encontros. Lembre-se de escolher atividades com propostas diversificadas para trazer um ritmo interessante para o trabalho e, assim, estimular tanto as ações mentais, o raciocínio como também os sentidos e as emoções do grupo.

Seguem algumas dicas para organizar esse momento:

- Elabore atividades em que os participantes possam realizar suas observações a respeito do tema tratado, nas quais tenham que identificar questões específicas ligadas aos direitos das crianças e dos adolescentes para, enfim, poder estabelecer relações e formular hipóteses.

- Para aprofundar o assunto, também é importante investigá-lo mais a fundo. Para isso, proponha atividades que façam os participantes exercitarem sua capacidade de explicar/investigar o que estão observando e de registrar de diferentes maneiras os resultados dessa investigação. Depois da investigação, é hora de divulgar e compartilhar essas descobertas para os demais, fazendo isso oralmente ou por escrito, por meio de um painel, um jornal coletivo, uma revista elaborada pelo grupo sobre o tema, um blog, uma página em uma rede social e assim por diante.

Segue breve esquema desta etapa:



Para realizar as atividades desta etapa, sugerimos alguns recursos:

Vídeos

Defenda-se! Campanha de enfrentamento à violência sexual cometida contra crianças

Excelente série de seis vídeos que alertam sobre a violação dos direitos das crianças e dos adolescentes de 5 a 11 anos. Uma realização do Centro de Defesa, Lumen Comunicação e Diretoria de Comunicação e Marketing do Grupo Marista, em parceria com a Fundação de Ação Social de Curitiba. A campanha é baseada nos conceitos da "Versão Amigável", que não foca a

violência em si, mas a proteção e a defesa. Os vídeos foram pensados de modo que a criança tenha condições de se defender da violência sexual, por meio de ações simples, como, por exemplo, não se expor na internet e não aceitar caronas de estranhos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=btS4Jp22Yh0&list=PLrl6B1Ndk3huxnQYUSKtGwX9zuUMGihoo>. Acesso em: 21 nov. 2017.

O direito das crianças, Ruth Rocha [*Draw my life*]
O lindo conto de Ruth Rocha é conteúdo deste vídeo realizado pela IBAB (Igreja Batista da Água Branca). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AgloVruf2Q8>. Acesso em: 21 nov. 2017.

Todas as crianças têm o direito de brincar
O UNICEF Moçambique produziu um vídeo de animação sem falas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=16WygVG03Qg>. Acesso em: 21 nov. 2017.

15 direitos da criança e do adolescente
O Hospital Pequeno Príncipe apresenta os 15 direitos fundamentais da criança e do adolescente em um vídeo curto, de fácil acesso. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-h3XQQWtI_I>. Acesso em: 21 nov. 2017.

Estatuto da Criança e do Adolescente
Vídeo educativo sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente produzido, na UFG (Universidade Federal de Goiás), pelo Centro Integrado de Aprendizagem em Rede para os cursos de Especialização em Educação para a Diversidade e Cidadania e de Extensão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y5r6vThH_XU>. Acesso em: 21 nov. 2017.

O menino que não queria nascer
Excelente vídeo produzido pelo Instituto Alana. Enfoca o processo histórico da criação dos direitos das crianças e dos adolescentes no Brasil e no mundo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y-nO5zyAQZQ>. Acesso em: 21 nov. 2017.

Mudar o mundo
Vídeo produzido por Flaminia - Produções Educativas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pJ5LjmO9FZ8>. Acesso em: 21 nov. 2017.

Série especial para as crianças de vídeos do Cocoricó
O personagem Júlio e seus amigos explicam quais são os direitos da criança e do adolescente. Disponível em: <http://tvcultura.cmais.com.br/cocorico/series/toda-crianca-tem-direito>. Acesso em: 21 nov. 2017.

Incluir brincando
Vídeo para crianças, no site do Vila Sésamo. Aborda o direito de toda criança à brincadeira segura e inclusiva. Disponível em: <http://cmais.com.br/vilasesamo/desenvolvimento-da-crianca/brincar-e-um-direito-da-crianca-acessivel-1>. Acesso em: 21 nov. 2017.

De olho no mundo
Vídeo feito a partir de um roteiro elaborado por crianças a partir de seus desejos, sonhos, ideias e senso crítico, realizado pela Rede Não Bata, Eduque. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=smq-FxNvv0o>. Acesso em 21 nov. 2017.

Childhood Brasil
A ONG Childhood Brasil organizou uma significativa lista de filmes que podem ser utilizados para a prática de situações ligadas aos direitos dos adolescentes. É necessário realizar uma triagem dos filmes adequados para cada situação. Disponível em: <http://www.childhood.org.br/entenda-a-questao/filmografia>. Acesso em: 21 nov. 2017.

Músicas

Criança não trabalha
Esta é uma composição muito bacana, que faz parte do CD/DVD Pé com pé, do Palavra Cantada. Esse trabalho artístico faz muito sucesso entre as crianças. O DVD foi gravado no Auditório Ibirapuera, em São Paulo/SP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZeByseNNEsk>. Acesso em: 21 nov. 2017.

Livros, cartilhas e histórias em quadrinhos

ECA tirinhas para crianças
Produzido pelo Conselho da Criança do Estado do Alagoas. Disponível em: <http://www.conselhodacrianca.al.gov.br/sala-de-imprensa/publicacoes/ECA_ilustrado%20tirinhas.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2017.

Crianças e adolescentes primeiro
De autoria de Ziraldo e produzido em 2011 pelos defensores públicos pelos direitos das crianças e dos adolescentes. Disponível em: <http://www.defensoria.sp.gov.br/dpesp/repositorio/33/documentos/Cartilha_Defensor_Publico_capa.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2017.

Cartilha dos direitos da criança e do adolescente
Excelente para dialogar com adolescentes sobre os conselhos do ECA. Realizado pela Defensoria Pública do Pará. Disponível em: <http://www.defensoria.pb.gov.br/criative/Documentos/Cartilha-direitosdacriancaadolescente.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2017.

Os direitos das crianças segundo Ruth Rocha - Série Constelação - Editora Salamandra
Produzido em 2014, é um excelente texto para mediar crianças. A autora apresenta os direitos no dia a dia das crianças, mostrando que a felicidade da infância encontra-se nos pequenos detalhes. Também conta a história da conquista desses direitos, a criação do UNICEF e a promulgação do ECA. Disponível em: <http://www.campolargo.pr.gov.br/uploads/O%20direito%20da%20crian%C3%A7a%20Ruth%20Rocha.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2017.

Jogos

Trilhas da cidadania
Apoia-se na versão clássica dos jogos de tabuleiro para propor a discussão sobre os direitos de cidadania. Disponível em: <https://www.recimam.org/aquarela>. Acesso em: 21 nov. 2017.

Como promover a elaboração e a síntese do conhecimento e realizar propostas para ações no mundo?

Este é momento de sistematizar o tema, chegando às conclusões desse aprendizado, para, então, construir ações que multipliquem as ideias e os conhecimentos construídos pelo grupo.

É nesse momento que cada participante compreende, de maneira mais profunda, o valor de construir um conhecimento coletivo, a fim de espalhar novas ações que possam favorecer não só os indivíduos, mas toda a sociedade. É o momento de aplicar o que descobrimos em nosso cotidiano e perceber que a sociedade é construída passo a passo, com ações valorosas tanto de indivíduos quanto dos grupos.

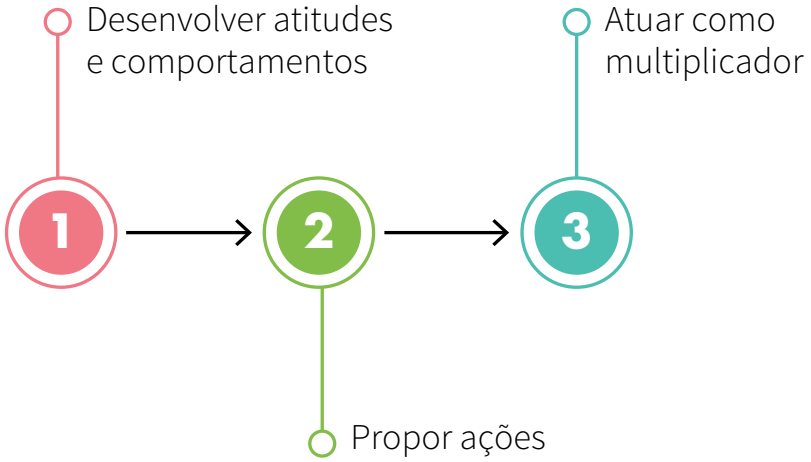
Essas ações alimentam a autoestima e a autonomia e desenvolvem as habilidades sociais das crianças e dos adolescentes. A construção de relações interpessoais é fundamental para estabelecer o diálogo entre adultos, crianças e adolescentes para a solução de conflitos e reforça o exercício dos direitos das crianças e dos adolescentes.

Seguem algumas dicas para organizar esse momento:

- Neste estágio, é a hora de desenvolver **reflexões sobre as atitudes e comportamentos** de

cada um dos participantes do grupo, a fim de fortalecer ações propositivas sobre os direitos das crianças e dos adolescentes no meio em que cada um vive.

- Essas reflexões deverão culminar em **ações propostas pelos próprios participantes**, voltadas para seu entorno. Primeiro, para sua comunidade mais próxima (o próprio grupo que está desenvolvendo as atividades) e, depois, para uma comunidade maior (seja a família, a cidade, o país etc.). Essa é uma **preparação** de cada participante **para atuar como multiplicador** das ideias levantadas pelo grupo.



- Estimule os adolescentes a conhecer em que instâncias podem reivindicar seus direitos. Encaminhe diálogos e questões: vamos buscar nossos direitos? Como podemos fazer isso? Por quais espaços podemos começar? Podemos divulgar nossas descobertas para outras pessoas, crianças, adolescentes e adultos? De que maneira?

- Traga momentos de reflexão. Para isso, você pode levar para o grupo, por exemplo, algumas ponderações do sociólogo Herbert de Souza (Betinho), que nos deixou grandes contribuições em favor dos direitos das crianças e dos adolescentes. Seguem duas delas:

> *Se não vejo na criança uma criança, é porque alguém a violentou antes e o que vejo é o que sobrou de tudo que lhe foi tirado. Essa que vejo na rua sem pai, sem mãe, sem casa, cama e comida, essa que vive a solidão das noites sem gente por perto, é um grito, é um espanto. Diante dela, o mundo deveria parar para começar um novo encontro, porque a criança é o princípio sem fim e o seu fim é o fim de todos nós."*
>
> *"O que somos é um presente que a vida nos dá. O que nós seremos é um presente que daremos à vida."*

Guias e documentos

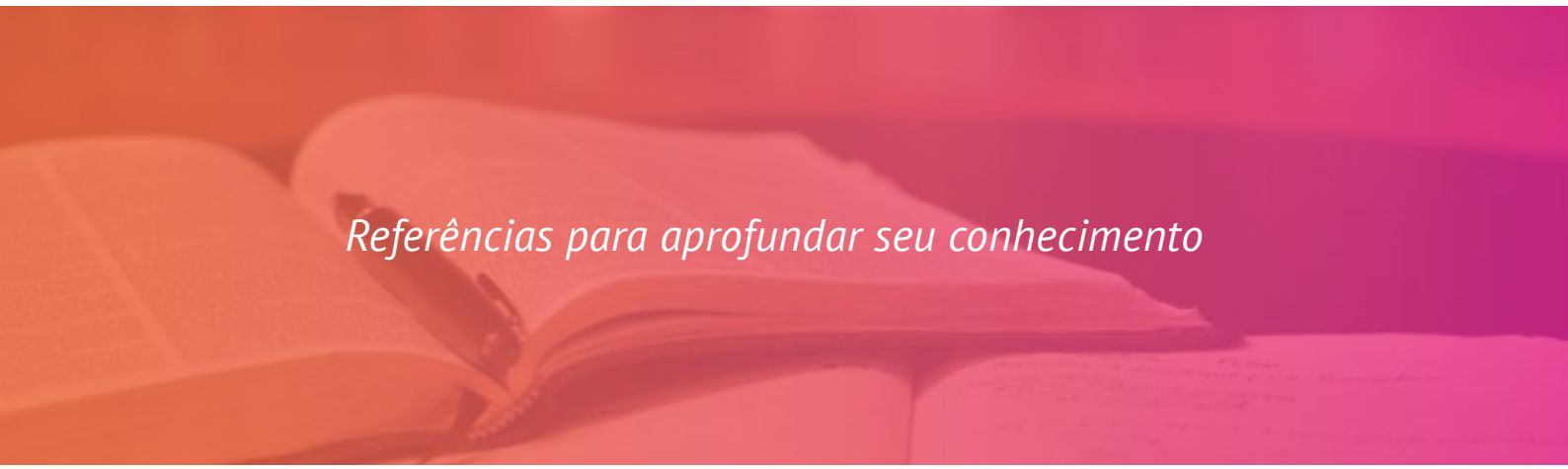
De olho no mundo – guia de discussão
Produzido pela Rede Não Bata Eduque, é excelente para organizar ações para a multiplicação de ideias e o diálogo entre as crianças, os adolescentes, a família e a comunidade. Disponível em: <http://pedrofsarmento.com/De-Olho-no-Mundo>. Acesso em: 21 nov. 2017.

Orientações e metodologia para realização das conferências livres dos direitos da criança e do adolescente
Este caderno contém as informações básicas para a realização das conferências livres, para que se possa garantir a participação efetiva de crianças e adolescentes nas discussões e definições das políticas públicas. Segundo o próprio documento, as conferências livres pretendem mobilizar e articular crianças e adolescentes quanto ao Estatuto da Criança e do Adolescente. Propõe um processo dinâmico de diálogos e encontros voltados para o fortalecimento da cidadania infantojuvenil, a partir de uma visão crítica, participativa, democrática e transformadora. Disponível em: <http://adcon.rn.gov.br/ACERVO/CONSEC/doc/DOC000000000049277.PDF>. Acesso em: 21 nov. 2017.

Campanha de Prevenção à Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes – cartilha educativa
Realização do Programa Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes. Esta cartilha faz um panorama sobre os principais conceitos que envolvem a violência contra crianças e adolescentes, especialmente quando se trata de violência sexual. O objetivo é difundir esse tema para um maior número de pessoas, aumentando a consciência sobre o assunto, sobretudo nos espaços corporativos. A cartilha faz parte de uma ação da Campanha de Prevenção à Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes, uma iniciativa conjunta do poder público, setor empresarial e sociedade civil. Disponível em: <http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/sedh/cartilha_educativa.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2017.

Conhecer para transformar
Sugere-se a análise dos direitos da criança e do adolescente e suas principais violações relatadas no guia Conhecer para transformar: guia para diagnóstico e planejamento da política municipal de proteção integral das crianças e adolescentes / [organizador Fábio Ribas Junior... et al.]. — São Paulo: Fundação Telefônica, 2011, quadro analítico da página 32. Disponível em: <http://prattein.com.br/home/dados_anexos/185.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2017.

Referências para a prática



Referências para aprofundar seu conhecimento

Para aprofundar seu conhecimento sobre o desenvolvimento das crianças e dos adolescentes, recomendamos as seguintes leituras:

AUCOUTURIER, Bernard. **A prática psicomotora**: reeducação e terapia. Porto Alegre: Artmed, 1986.

BEE, Hellen. **O ciclo vital**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BEE, Hellen; BOYD, Denise. **A criança em desenvolvimento**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BIAGGIO, Ângela M. Brasil. **Psicologia do desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1983.

FUNDAÇÃO MARIA CECÍLIA SOUTO VIDIGAL PELA PRIMEIRA INFÂNCIA. Disponível em: <http://www.fmcsv.org.br/pt-br>. Acesso em: 21 nov. 2017.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). **Situação mundial da infância**: adolescência, uma fase de oportunidades © New York (NY): Fundo das Nações Unidas para a Infância, 2011. Disponível em: <http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/atuacao-e-conteudos-de-apoio/publicacoes/crianca-e-adolescente/situacao-mundial-da-infancia-2011>. Acesso em: 21 nov. 2017.

HEGAN, Harry. **Mil outras dicas para entender seus filhos de 6 a 12 anos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

HENNEMANN, Ana Lúcia. **Avaliação e intervenção neuropsicopedagógica (NEII)**. Disponível em: <http://neuropsicopedagogianasaladeaula.blogspot.com/>. Acesso em: 21 nov. 2017.

INSTITUTO ZERO A SEIS. Disponível em: <http://zeroaseis.org.br/>. Acesso em: 21 nov. 2017.

LOURENÇO, Benito; QUEIROZ, Lígia Bruni. **Crescimento e desenvolvimento puberal na adolescência**. RevMed, São Paulo, v. 89, n. 2, p. 70-75, abr./jun. 2010.

OLDS, Sally Wendkos; PAPALIA, Diane E. **Desenvolvimento humano**. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PAPALIA, Daiane E.; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. Tradução de Daniel Bueno. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

RODRIGUES, Marlene. **Psicologia educacional**: uma crônica do desenvolvimento humano. São Paulo: McGraw-Hill, 1976.

ROSA, Merval. **Psicologia evolutiva**: psicologia da primeira infância. Petrópolis: Vozes, 1984. 2 v.

SHAFFER, David R. **Psicologia do desenvolvimento**: infância e adolescência. Tradução de Cintia Regina P. Cancissu. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

Para aprofundar sua prática a respeito da temática dos direitos das crianças e dos adolescentes:

Instituto Alana: produziu um excelente vídeo com Rachel Niskier, membro do Conanda. Fala do cuidado com a infância e a adolescência como sendo imprescindível para a formação do cidadão. Todas as fases de desenvolvimento, desde a concepção, são importantes para a saúde e a vida física e mental do indivíduo: INSTITUTO ALANA. Todos devemos defender os direitos das crianças. **YouTube**, 26 nov. 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=88xylQMsYmQ> e <http://www.prioridadeabsoluta.org.br/>. Acesso em: 21 nov. 2017.

Para aprofundamento nas metodologias de ação em direitos humanos, ver:

A publicação **Para Reinventar as Rodas**, de Afonso, M. L. & Abade, F., realizada em 2008 pela Rede de Cidadania Mateus Afonso Medeiros (RECIMAM), discute a elaboração de projetos educativos em Direitos Humanos e apresenta a metodologia do projeto Rodas de Conversa. Disponível em: <ccc>. Acesso em: 21 nov. 2017.

ABADE, Flávia Lemos; AFONSO, Maria Lúcia M. **Jogos para pensar**: educação em direitos humanos e formação para a cidadania. [S.l.]: Autêntica, 2016.

ASSOCIAÇÃO DOS MAGISTRADOS BRASILEIROS. **Programa Cidadania e Justiça Também se Aprendem na Escola**. Disponível em: <http://www.amb.com.br/cej/sub_atividades.html>. Acesso em: 21 nov. 2017.

BRASIL. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. 341.27 Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos / coordenação de Herbert Borges Paes de Barros e Simone Ambros Pereira; colaboração de Luciana dos Reis Mendes Amorim ...[et al.]. –– Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos; Ministério da Educação, 2003. Disponível em: <http://new.netica.org.br/prevencao/cartilha/plano-educdh.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2017.

CENTRO de Apoio Operacional das Promotorias da Criança e do Adolescente. Disponível em: <http://www.crianca.mppr.mp.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=68>. Acesso em: 21 nov. 2017.

GRUPO MARISTA. **Rede Marista de Solidariedade**. Disponível em: <http://www.crianca.mppr.mp.br/

modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1383>. Acesso em: 21 nov. 2017.

MALFITANO, Ana Paula Serrata et al. A promoção dos direitos das crianças e dos adolescentes em situação de vulnerabilidade social: oficina de brincadeiras como recurso. **Cadernos de Terapia Educacional da UFScar**, São Carlos, v. 14, n. 2, p. 103-110, 2006. Disponível em: <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/159/115>. Acesso em: 21 nov. 2017.

Pastoral do Menor: A Pastoral do Menor se propõe, à Luz do Evangelho, buscar uma resposta transformadora, global, unitária e integrada à situação da criança e adolescente empobrecido e em situação de risco, promovendo a participação deles como protagonistas. Disponível em: <http://cnbbs2.org.br/site/pastoral-do-menor/>. Acesso em: 21 nov. 2017.

YOUSAFZAI, Malala; LAMB, Christina. **Eu sou Malala:** a história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. Disponível em: <http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=13536>. Acesso em: 21 nov. 2017.

Seguem alguns títulos da Rede Marista de Solidariedade:

BRASIL. Ministério do trabalho. **Viva o trabalho**. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C812D307400CA013075F3C72612D1/vivaotrabalho-mte-web.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2017.

DIGIÁCOMO, Murillo José. **ECA**: Estatuto da Criança e do Adolescente anotado e interpretado. 2. ed. São Paulo: FTD, 2011. Disponível em: <http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/marista/eca_anotado_digiacomo_2012.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2017.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). **Adolescência**: uma fase de oportunidades. Nova Iorque, 2011. Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/pt/br_cadernoBR_SOWCR11(3).pdf>. Acesso em: 21 nov. 2017.

_____. **Competências para a vida**: trilhando caminhos de cidadania. Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/pt/br_competencias_para_a_vida.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2017.

GRUPO MARISTA. REDE MARISTA DE SOLIDARIEDADE. **Ecos da participação infantil e juvenil**. São Paulo: FTD, 2010.

_____. **Fontes sobre a infância**: diagnóstico de fontes de informação sobre a criança e o adolescente. São Paulo: FTD, 2012. Disponível em: <http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/marista/fontes_sobre_infancia.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2017.

_____. **Infância, adolescência e direitos**: ensino fundamental em Curitiba. Curitiba: Champagnat, 2013a. Disponível em: <http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/marista/ensino_fundamental_em_curitiba.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2017.

_____. **Infância, adolescência e direitos**: livro de dados do Paraná. Curitiba: Champagnat, 2013b. Disponível em: <http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/marista/livro_de_dados_do_parana_2013.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2017.

GRUPO MARISTA. REDE MARISTA DE SOLIDARIEDADE; MINISTÉRIO PÚBLICO DO PARANÁ. **Tecendo**

redes: fortalecimento das redes de proteção à infância e à adolescência no Paraná. Curitiba: Champagnat, 2014. Disponível em: <http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/marista/tecendo_redes_2014.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2017.

UNIÃO NORTE BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO E CULTURA (UNBEC). **Fascículo 18 de Maio, Dia Nacional de Combate ao Abuso e a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes**. Disponível em: <http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/marista/fasciculo_18maio2013.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2017.

projeto comunitário

PUCPR
GRUPO MARISTA

© Projeto Comunitário | PUCPR. Todos os direitos reservados.